



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

24 de Julho de 2004 • Ano LXI • N.º 1575
Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

MALANJE

Fotos antigas

FOI mesmo no cais. O grande navio — Príncipe Perfeito — foi-se aproximando. A multidão apinhada, começou a atirar rolos de fitas coloridas que os parentes e amigos, que enchiam os varandins, agarravam no ar. Assim se ligou o mar e a terra por milhares de «fitas — laços» de saudade e alegria que, deu-me a impressão, puxavam o navio. Bonito!

Todos foram descendo... Beijos e abraços sem fim. Foquei o cimo da escada. O sacerdote velho que eu esperava começou a descer, devagar e agarrado ao corrimão. Deu a vida toda numa Missão do mato. Doação total! Não jogou futebol nem foi cantor... Um contravalor para a sociedade, que os inverteu. Sozinho! Seus amigos africanos estão longe... Se tivesse dinheiro nos Bancos, seus parentes estariam... No último degrau, abracei-o com respeito e comovido. Seu

casaco enrugado e velho, há anos que não servia.

— Suas malas?

— Só este saco.

— Então vamos — e dei-lhe o braço, que ele apertou como único sinal de amparo.

Apeteceu-me chorar e gritar bem alto a esta sociedade que não sabe reconhecer e honrar os verdadeiros valores...

À saída de Malanje, um velho, já vergado pelos anos, fez-me alto. Parei. Pediu boleia para o Lombe. Sentou-se ao meu lado e começámos o diálogo:

Que era chefe da sanzala no quilómetro do onze.

Que tinha lá a sua família, as suas lavras e que vivia em paz com o seu povo.

Simplicidade e alegria no seu olhar vivo!

Que eu era o padre do Gaiato e que vivia na Carianga. Aos Domingos visitava e dizia a Missa nas sanzalas do Lombe, mas que ainda não tinha ido à sanzala do onze.

Que ele também queria, pois eram cristãos ele e o seu povo.

Eu, que sim.

Dei boleia ao velho até ao onze. Parámos no largo junto da sua cubata.

Que esperasse um momento pois queria dar uma oferta. Desci e fiquei seduzido pela alegria confiante das crianças.

O meu velho veio coberto de ternura com as mãos em concha e nelas dois ovinhos de franga. Como se fossem dois ovinhos de ouro, comovido, os recebi.

Palmas e sorrisos na despedida... na minha alma, duas lágrimas de emoção.

O que mais me faz doer — neste nosso Portugal — é a ausência de crianças. Onde estão as nossas crianças? Já não há?

Ruas e ruas sem as ver!

Continua na página 3

ENCONTROS EM LISBOA

Amargos de boca

A O chegar à nossa Casa, onde o primeiro grupo passa férias, o Carlitos correu para mim e disse: «O mar é muito bonito». Peguei nele ao colo e falámos sobre as ondas, os perigos do mar, a areia da praia, «a água é muito fria». Durante uns momentos esqueci outros mares, porque, nesse dia, a cabeça ia a escaldar com as coisas escolares dos meus rapazes e sobre a relação que é possível estabelecer entre os Encarregados de Educação e a Escola.

Na minha terra costuma dizer-se que «muito ajuda quem não estorva». Vou dar apenas três exemplos que me fazem doer.

Tenho um miúdo que frequentava o 9.º ano. Tem graves problemas de saúde e o ano escolar foi fortemente perturbado por essa situação. Com tantos internamentos que fez, não acompanhou metade da matéria dada. Trabalhei o miúdo para a repetência. Pedi à psicóloga o mesmo trabalho e falei com a directora de turma no mesmo sentido. Era necessário que os seus problemas de saúde estabilizassem, que ele ganhasse bases, que se definisse melhor a continuidade. Pois bem, a «bondade» dos professores decidiu que ele passasse. E agora? Ele não sabe o que fazer e eu também não. Continuar para o 10.º ano é votá-lo ao insucesso total, por falta de bases. Ir para um curso de aprendizagem sucederá o mesmo e, sobretudo, ele não está definido em termos de opção que se adapte melhor aos seus problemas de saúde. Tanta «bondade» acaba por ser uma crueldade.

No 7.º ano tinha dois miúdos que repetiam. A repetição não se mostrou nada compensadora e, desde a Páscoa, estava decidido que continuar na via do Ensino único não resultaria. Qual não é a minha surpresa quando, no final do ano lectivo, aparece na pauta que progridem, um com seis negativas e outro com cinco. É de pasmar com tantos progressos! Depois disto, como posso exigir aos colegas que é preciso estudar? Salvam-se as estatísticas do insucesso, não se coloca a reflexão sobre o sistema de ensino e cilindram-se esperanças.

O terceiro exemplo nasce também das «boas vontades iluminadas». Um miúdo de quinze anos que tem problemas de aprendizagem, não por falta de capacidades, mas por falta de aplicação, tem sido encorajado por nós a prosseguir. Um professor achou que ele devia ir para um curso profissional e temos grandes opções, por exemplo pintor da construção civil ou informático... É preciso desconhecer completamente a matéria-prima! Como dizem os miúdos: «Stá-se» mesmo a ver que as duas coisas vão na mesma direcção. Único resultado: se ele já estava desmotivado em termos escolares, mais desmotivado ficou...

Amargos de boca para digerir neste Verão!

Padre Manuel Cristóvão

16 de Julho

QUANDO leres esta nota já teremos celebrado o aniversário da entrada no Céu do nosso Pai Américo, na medida do tempo, neste dia, do ano de 1956.

Escrevo antes de o festejarmos; mas antevendo, mais do que o programa, a Alegria e a Força espirituais que o nosso Fundador nos transmite.

Homem de Deus e Homem dos Homens intuiu e realizou a sua Fé em prática crescente iluminada sempre pela Palavra divina e reflectindo uma sabedoria personificada que ultrapassou as ciências humanas mais esclarecidas do seu e de todos os tempos.

O Padre Américo será sempre um homem actual, pese embora a pressão de legalistas pseudo-intelectuais e escritores, ignorantes de todo o processo pedagógico utilizado nas Casas do Gaiato e adaptado às exigências do tempo por mestres sem canudo, mas com a competência da vida.

Os seus princípios jamais serão ultrapassados.

Ele próprio escreveu que «a ignorância foi sempre atrevida» sobretudo quando

ela assenta em gente bem instalada, de barriga cheia, com seus vencimentos assegurados.

Conhecer a vida interna de uma Casa do Gaiato não é tarefa fácil, nem para entrevistadores, nem para escribas agnósticos que a todo o custo pretendem somente denegrir o Rosto visível de Deus e da Sua Igreja na Obra da Rua.

As Casas do Gaiato contraem uma dívida com cada rapaz: — «fazer dele um homem».

Ninguém pense fazer homens de rapazes domados. Dê-se-lhes (a eles, rapazes) responsabilidades e peça-se-lhes contas por elas».

A liberdade e a responsabilidade são os pilares onde assentam as bases da prática educativa nas Casas do Gaiato.

O amor ao trabalho, a Verdade e a Justiça, o uso continuado da misericórdia e da firmeza manando de corações paternos e maternos, são o vértice de toda a intuição para educar.

A dor dos Pobres roeu-lhe a alma dando-lhe um empenhamento avassalador, visível em todas as iniciativas e

em toda a palavra falada ou escrita.

A denúncia da miséria e a hipoteca pessoal com os Pobres fizeram dele um apoio para a mudança do regime e aproveitamento político de alguns.

Continua na página 3

MOÇAMBIQUE

Pior que a antiga escravidão

NESTA terra a sorte dos mais pobres é pior que a antiga escravidão. Tempos que nem cabem na nossa imaginação e repugnam, onde de algum modo a civilização cristã, lavada deste estigma há pouco mais de um século, marcou os povos. A ganância selvagem do lucro e opulência e a falta de respeito pelos direitos fundamentais do nosso semelhante continuam a existir. Sei que é nua e crua a realidade da vida dos Pobres, não só nesta terra, certamente. O mau exemplo de outros não justifica o meu parecer. Aliás nem a Justiça consegue ou sabe ser justa.

É o que parece ter de dizer a propósito da última crónica. Ninguém pense, hoje, que o africano está contente por viver numa palhota que, volta não volta, cai abaixo roída nas bases pela formiga, ou uma tempestade de chuva e vento, como a desta semana; que uma mão cheia de farinha chega para manter de pé, e se dá comida pelo trabalho; que o curandeiro cura todos os males e há que oficializar a medi-

cina tradicional; que em último caso as ofertas aos espíritos dos antepassados, afastam todo o mau agouro da doença, ou a seca da machamba. Que o ter muitas mulheres escravizadas ao seu capricho, é sinal de prosperidade, que é preciso sustentar à custa delas e por causa delas.

O projecto a que com tanto interesse e sacrifício demos a mão, para o povo de Maguiguana e Magude, embora reconhecido como o melhor que apareceu, foi chumbado na pretensão de ser levantado, à partida com estruturas definitivas e alvenaria. Logo foi dito radicalmente que estruturas só em caniço. Das duas uma. Ou o Banco Mundial não acredita que valha a pena gastar dinheiro naquilo que propôs e prevê que lutar contra a sida em Moçambique é tentativa frustrada e deitar dinheiro fora, ou as pessoas que gerem o projecto que-

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CRISE — A nota anterior refere os benefícios dos nossos Leitores pela conta da farmácia. Ofertas cheias de calor e amizade pelos Pobres. Que havemos de dizer mais desse amor de tantos amigos que amam os que mais precisam, especialmente todos aqueles que não têm capacidade de pagarem o receituário das receitas médicas para minorarem os seus padecimentos, alguns já de longa data.

Lembramos uma pobre mulher viúva que não pode deixar de tomar os medicamentos receitados pelo médico: «Tenha cuidado! Não deixe de tomar os remédios que receitei...!»

CASAMENTO — Vale a pena referir um jovem que não tinha casa nem família e ora casou e vive numa casa dos Pobres.

Pois ao dito jovem demos uma oferta de que gostou para o seu bragal.

PARTILHA — Vinte e cinco euros da assinante 55521, de Trancoso.

Idem, do assinante 53241, do Luso, «contribuição relativa ao mês de Julho. Como habitualmente, face às necessidades dos Pobres da vossa Conferência, a sua aplicação ficará ao vosso critério, conforme a premência dos mesmos».

Cento e cinquenta euros da assinante 57558, do Porto, com «um bem-haja pelo vosso trabalho», cuja presença aparece várias vezes.

Um antigo companheiro da Escola Mouzinho da Silveira que foi, do Porto, o assinante 11173 «porque a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus está a necessitar de reforço, especialmente para os medicamentos dos Pobres, remeto um cheque de 50 euros. Diz-nos, ainda, que Deus tem permitido que eu continue a andar por cá, passando menos mal, embora com os condicionamentos da própria idade». Um grande abraço!

Outra assinante com presenças muito certas, também do Porto, a número 11856, com 50 euros.

De Lisboa, 500 euros, da assinante 32517, já próxima dos oitenta anos: «Sinto-me tão cansada por tudo, uma grande tristeza». Deus a ajude.

Mais 50 euros, do assinante 59467, de Ponte de Sor.

Um cheque de várias ofertas, pela assinante 31254, de Fiães (Feira) com uma «pequenina ajuda para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. O Júlio sabe aplicar bem esses 90 euros».

Cinquenta euros do assinante 19348, do Porto, e «dai graças a Deus, o que recebestes de graça... Caríssimos, o Evangelho é a Ciência cósmica da

vida! Aqui vai 'tapa buracos' para a farmácia dos vossos Pobres!»

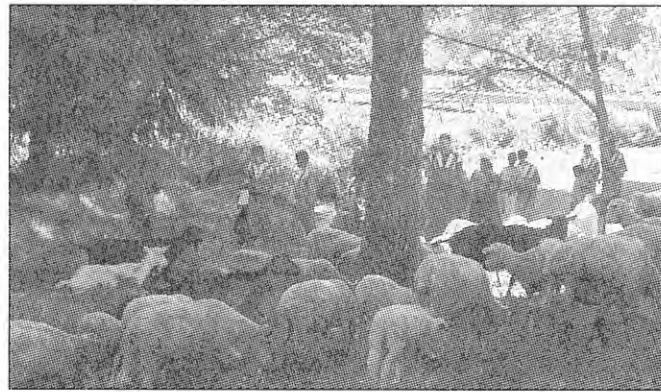
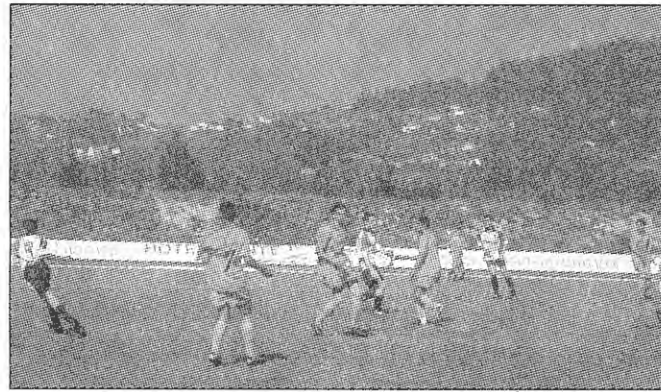
De Vila Nova de Famalicão, cem euros da assinante 14081, «para ajuda das contas na farmácia, pois, como li n' O GAIATO, as contas da farmácia têm subido».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

SETÚBAL

BATATA — Já começou a colheita. Alguns rapazes andam com o Fernando a apanhar a batata. Outros, fazem a escolha com a Fatinha. Depois é espalhada na casa da batata e protegida com o remédio para a borboleta. Esperamos ter batata para o resto do ano.



El-los, no coração do Gerês, em contacto com a natureza! Mais um dia bem passado, onde não faltou a boa disposição, e a união entre todos.

PAÇO DE SOUSA

BATATA — Cerca de quarenta rapazes estão na colheita, mesmo com o calor. A batata que estamos a apanhar vai-nos dar para o ano todo.

PRAIA — O primeiro turno já foi para Azurara. Encontraram uma casa de luxo, para os que fizeram por merecer. Espero que para o ano toda a gente vá à praia.

FESTA DE PAI AMÉRICO — Foi realizada a 16 de Julho, em Azurara. Os rapazes adoraram. No Domingo foi o convívio dos antigos gaiatos, cá em Casa.

ASSALTOS — Têm havido alguns. Primeiro, o quarto do nosso Padre Acílio. Depois, a tipografia e as escolas. Esperamos que não nos assaltem mais.

Rolando

REGAS — Chegou a época das regas. O Fernandinho cuida dos rolos para a rega do milho e da horta. Os rapazes, com o motor da piscina, regam as laranjeiras do pomar novo. Outros, com o motor da casa, regam os canteiros à frente da casa. Os jardins são regados com mangueiras. Nesta altura, a água é um bem precioso.

RAPAZ NOVO — Há pouco tempo chegou a nossa Casa o Diogo. Tem 11 anos. É um rapaz simpático e gosta de jogar futebol. Agora está a fazer praia na nossa casa da Arrábida. Esperamos que goste de viver connosco.

VACARIA — As nossas vacas têm-nos dado muitos bezerinhos. Os nascimentos têm corrido bem. Os rapazes da vacaria têm tido muito trabalho com elas, dão-lhes palha, silagem, cevada e outros alimen-

tos. A limpeza da vacaria também dá muito trabalho.

RAPAZES — Os mais velhos vão orientando a sua vida. O Nuno «Sapateiro», foi trabalhar para a Marinha como técnico de Informática. O Vítor, agora que acabou o seu curso de cozinha, foi trabalhar para Tróia. Desejamos-lhes bom êxito para o futuro.

Sérgio

MALANJE

DESPORTO — Agora sob a liderança do Tiago, pretendemos formar equipas de futebol salão e onze. Para tal, necessitamos de material próprio: equipamentos, chuteiras, bolas, etc.



sessão de fotografia de novo começou. Todos queriam tirar fotos no meio dos cavalos, ovelhas e vacas semi-selvagens. Todos ficaram encantados com a bela paisagem do Gerês e só viram, o que se pode considerar: uma gota no oceano. Dizia um deles que nunca tinha visto paisagens tão bonitas. Chegada a hora do almoço, ninguém deixou os seus créditos por mãos alheias. Todos repetiram a doze e houve até quem ainda tirasse pela terceira vez. Estava tudo bom e todos se portaram lindamente. Que bom, se todos entendessem, que todos juntos podíamos fazer coisas maravilhosas!...

Depois de tudo arrumado seguimos rumo a Melgaço, mais propriamente para a Aldeia do Prado, onde fica situado, só, o maravilhoso Centro de Estágio de Melgaço, Centro oficial da UEFA e onde se realizou o jogo dos Sub-21: Portugal - Itália. Em relação ao Centro: sem comentários. No que toca ao jogo, bom!... Começámos bem. Estivemos a ganhar

A nossa equipa é pequena, mas recheada de bons valores. Os resultados falam por si. O nosso melhor marcador é o Mantorras.

SERRALHARIA — Vai funcionando com dificuldades, mas também com sucessos. O Mantorras está lá todas as tardes dando o seu melhor para o bem-comum. Ele é um polivalente.

ESCOLA — O aproveitamento escolar, no primeiro trimestre, foi negativo, de modo geral, mas os rapazes já tomaram consciência disso. Eles prometem esforço para o segundo trimestre.

SAMY — É um rapaz de 11 anos que aos poucos vai descobrindo o seu grande dom. Resumiu a nossa Aldeia num papel bem ilustrado e colorido. O seu último trabalho foi desenhar as quedas de Kalandula,

ou seja, do Duque de Bragança.

CARPINTARIA — Está a funcionar com relativa normalidade, o que nos dá satisfação e alegria. A nossa grande preocupação é que só temos dois rapazes a aprender esta profissão.

CHEFES — Com a entrada dos novos chefes a nossa Casa está mais limpa e organizada, graças ao espírito de trabalho e partilha deles. Desejamos que continuem com a mesma postura até ao final dos mandatos.

VACARIA — Está bonita e limpa e com animais alegres e saudáveis, graças ao esforço do nosso antigo gaiato «Primo Velho» que está a passar um tempo connosco.

TRABALHO — O grupo da enxada é o que mais tem trabalhado para o melhoramento da nossa Aldeia. Tudo pelo grande empenho do André. Grande André!

CANALIZAÇÃO — Estava deficiente e mal tratada. Agora tem novo aspecto. Estamos contentes e até mesmo mais saudáveis. Isto só foi possível através de um grande investimento. Espero que saibamos proteger o nosso património.

QUEIMADAS — Chegou o tempo do cacimbo. As queimadas vêm-se quase todos os dias e têm-nos prejudicado várias vezes. Há quem pense que são um grande benefício sem saberem que estão a queimar o seu próprio capital e a provocar grandes prejuízos a todos.

Dany

Dar e receber

Nada sei
Do que te dei
Me encantei
Do que vi e senti.

O que encontrei
Foi tudo o que senti
Quando te vi
E agora aprendi.

O amor eu dei
Com que fiquei
Ai não contei
Infinito, isso sei.

O teu olhar pinte
Até o gesto levei
Acima de tudo percebi
Que na vida, vivi.

Nada se
Assim pensei!
Apenas pedi
O teu sim e pinte.

Nada sabia aqui
Dentro de ti
Dormi e acordei
O amor é... Compreendi.

Abílio Pequeno

Alberto («Resende»)

Moçambique

Continuação da página 1

rem salvar a sua onerosa honorabilidade de prestarem contas a tão alta e perdulária Instituição.

Há um fomentar de insatisfação, uma luz a indicar novos caminhos, bem descoberta nas avaliações finais dos tempos fortes de formação das monitoras das nossas Creches. O povo não está de ouvidos surdos nem olhos fechados para a sua realidade. Por isso mesmo está frequentando com afinco o ensino secundário à noite.

Por isso hoje a Comunidade de Picoco se levantou contra o secretário da Aldeia e às seis da manhã, estava à porta da Administradora de Boane, para que esta antes de ir para o serviço não

pudesse escapar. Não suportam mais o dito que de há uns tempos para cá se tem apoderado dos seus bens a começar por aqueles que a ela entregámos para o seu desenvolvimento: várias cabeças de gado, cinquenta cabras, três máquinas de costura, materiais da fábrica de blocos, casas em alvenaria construídas na altura das inundações e como no tempo de David, até a mulher de outro. Temos em Casa um pequenino, filho dele que, o «dono» da mulher aceitou, mediante um pagamento mensal que não cumpria. Por causa do desentendimento, o padrasto bateu tanto no menino que lhe partiu uma perna. Claro que está preso, mas o dito secretário não contente com essa justiça que para ele, autoridade suprema da Aldeia, não vale nada, foi

ao ponto de fazer desaparecer a mulher, e alugar a casa a quem bem lhe paga. As três filhas pequenas deambulam perdidas em Boane.

Isto parece uma alegoria, em tamanho microscópico, de outras realidades individuais de um país diferente, estranho e distante do Povo real. Celebrou-se ontem, dia 25 de Junho, o dia da independência, sem entusiasmo nem brilho. Digo até que teve mais repercussão e foi motivo de ruidosa festa, em plena cidade a vitória de Portugal no jogo com a Inglaterra. Os romanos eram mais inteligentes e davam ao povo pão e festas no circo. Aqui o circo da vida não tem pão nem barriga para festa. Quem vive no meio do povo, procurando caminhos de libertação da miséria, saboreia e abisma-se na Palavra Viva: «nem só de pão vive o homem», e segue em frente.

Padre José Maria

Uma carta

Alimento espiritual

«Junto um cheque para de algum modo compensar a minha assinatura d'O GAIATO porque ele não tem preço. Espero que continueis a dar-nos

este alimento espiritual, que tanto bem nos faz. Estamos num tempo em que os próprios párocos, salvo exceções, não fazem uma homilia doutrinal, envolvem-se em festas doutrinárias descurando o mais. Por isso a leitura d'O GAIATO é um bálsamo para as nossas almas.

Assinante 31380.

Malanje

Continuação da página 1

Não aos filhos!
Portugal envelhecido...

Vê as fotos de duas aldeias: uma no Distrito de Castelo Branco; a erva nasceu na juntas da calçada de todas as ruas; uma delas, um carroiro pisado — caminho dos velhos para o Centro de Dia onde comem e estão até à noite.

Outra, em Trás-os-Montes: só um menino na rua deserta; a escola fechou.

Onde vais Portugal?

Montanhas, vales, rios e colinas — mas, sem portugueses.

Quem faz a Pátria?

Somos os maiores!, grita a multidão nos estádios... Em quê?

Na final do Euro 2004, os dois países mais pobres!

Pura coincidência?, ou, «pão e circo».

Padre Telmo

16 de Julho

Continuação da página 1

O Direito não é torto e ninguém é capaz de o torcer por mais calúnias e invenções que arranje, pois se as leis são contra o homem, elas próprias acabarão por se desvanecer.

Que ninguém venha com leis *contra natura* nem com poderes sem moral para abalar o fundamento da Obra:

— uma Casa de Família para os sem-família; uma Obra de Rapazes, para os Rapazes e pelos Rapazes. Nunca um colégio, um centro, ou um presídio.

Pela Obra, os Padres e as Senhoras deram, dão e darão a própria vida. Sabem o que fazem. Não temem nada nem ninguém. Sabemos em Quem confiamos!

Padre Acílio

Antigos Gaiatos de África

16 DE JULHO — Saímos por aí à procura de alguém que preenchesse o vazio dentro de nós. Minha mãe conversou com várias pessoas mas nada tinha sentido. E, um dia, quando estávamos mais distraídos e com mais dificuldades apareceu-nos a Casa do Gaiato de Malanje com Padre Telmo e a nossa vida começou a ter mais sentido. Eu e meu irmão mais novo tínhamos cama, mesa e roupa lavada. Quando dei por mim já estávamos unidos em um só pensamento: Pai Américo.

Compartilhámos, com amor, tantos sentimentos, emoções e devemos a Pai Américo este sentimento mais belo e puro, uma paternidade.

Padre Telmo chegou devagar, pegou nas nossas mãos sujas e fomos com ele para que elas fossem lavadas e foram com um banho e roupa de cama lavadinha; fresca nos nossos corpos e na nossa alma.

Dois antigos gaiatos de Malanje pediram-me esta crónica para comemorarmos o 16 de Julho porque tinham receio que Padre Telmo não escrevesse e que Malanje não aparecesse n'O GAIATO. Não estou em Malanje e não sei o que se

passa por lá. Até aqui parece que vou acompanhado... O pior vai ser o fim; vamos a ver como vai terminar; a cabeça precisa de descanso e eu não lho vou dar.

PAI AMÉRICO — Cedo vi que os nossos pais não eram eternos, mesmo vivos, e enfrentei essa enorme perda numa época em que uma criança só deveria ter folgas e alegrias... Se eu pudesse fazia uma Lei a proibir o abandono da criança... Filhos sofrendo a dor do abandono não tendo colo. Aqui os pais seriam eternos fisicamente como os diamantes e não apenas nos nossos corações e mentes... Porque chamamos Pai Américo e não Padre Américo?!... Porque ele é eterno; tantos são os seus filhos. Temos todos os Padres da Obra da Rua que não chamamos pai, mas que quando os vimos ou visitamos sentimos algo que nos chama a atenção de que eles também fazem arte da nossa paternidade.

Não conheci Pai Américo a não ser pelo livro de leitura da primeira-classe e residia ali bem perto. Foi para o Pai quando eu tinha 7 anos; aos 13 anos de idade já tinha pai graças à Obra da Rua e Casa do Gaiato de Malanje: a Obra de Pai Américo.

AMAR — O sorriso faz parte do amor, quando amamos

temos o privilégio de sorrir mais. Sorrimos até quando estamos parados, com o pensamento longe. Sorrimos das próprias lembranças que esse amor nos traz.

Quando pensamos na pessoa amada, uma enorme sensação de leveza vai tomando conta do nosso corpo, da nossa mente, da nossa alma... Assim, sem pedir licença. É uma sensação tão maravilhosa que não precisa pedir licença... Pode ir entrando e tomando conta do nosso ser... Sensação de plenitude.

O ideal seria amar sem sufocar, amar sem aprisionar, amar sem cobrar, amar sem exigir, amar sem reprimir, simplesmente amar. É este o amor da nossa Obra da Rua e dos seus Padres: Ninguém pode amar quando tem fome.

Sinceramente, gosto da frase de Pai Américo, «refeição quente e bem adubada». Era assim que ele matava a fome às crianças da Rua. O adubo, carne gorda do porco pisada, preparada nas Casas do Gaiato, nas casas dos mais pobres, mas era e é um alimento muito saudável; hoje é o azeite, mais caro e talvez menos saudável. Caldo bem adubado era o lema de Pai Américo. Isto é amar.

Como é maravilhoso também saber que existe alguém que nos ama. Que se importa connosco, que se preocupa com tudo o que nos pode acontecer, que teme que nos aconteça algo errado.

SER AMADO — A pessoa que nos ama está sempre vigilante, tentando proteger-nos de situações que nos poderiam magoar e a essa pessoa também. Sim, porque não nos podemos esquecer de tudo o que foi dito anteriormente sobre amar. Quando somos amados, se algo de errado nos acontece, o ser que nos ama sofre muito com isso, talvez sofra mais do que nós mesmos poderíamos sofrer. O ideal é saber amar e ser amado.

Tudo para olharmos os nossos pais nas suas funções. Nós mais velhos notamos o esforço enorme destes homens que amam as crianças sem reclamar. Os Padres da Obra da Rua fazem parte do 16 de Julho.

Lembremos o nosso Padre Luiz e o nosso Padre Horácio, que foram para o Pai trabalhando, tomando conta de rapazes que se iam divertir. É aquele amor que a criança precisa.

Lembro África e o tamanho esforço da Obra a favor dos Pobres; mas não posso deixar de enviar um abraço de grande amizade a Padre Telmo neste dia comemorativo de Pai Américo; foi ele que me deu «vida» com o pensamento de Pai Américo.

Este 16 de Julho devia ser comemorado com alegria, sim, mas no sistema amar e ser amado. Lembremos todas as Casas do Gaiato e todos os seus Padres mais aqueles que

DOCTRINA

O Evangelho não sofre meias tintas nem é de caricaturas



SIM, as Casas do Gaiato não podem resolver o problema total (e quem pode?), mas são um começo auspicioso. Nós pisamos terreno firme e temos uma doutrina. O princípio de toda a orientação da Obra é que de entre os rapazes de hoje saiam os dirigentes de amanhã. Olhamos desde agora para os que nos parecem melhores, com olhos de muito carinho e de muita esperança. Não lhes damos grandes explicações do nosso pensamento das coisas futuras. Não, que o não comportariam: são rapazes de 15 anos. Mas, em certas horas e onde muito bem calha, vai uma pincelada prometedora: «Olha rapaz, tudo isto é para vós». Assim como fazem os pais aos filhos de quem tudo esperam, assim como nós aos de quem algo esperamos: «tudo para vós, rapazes». Não é seguramente o «tudo isto te darei» da tentação de Jesus; não é. Eu não posso mentir a estes meus filhos, nem quero que eles me adorem como queria Satã. Basta-me que eles consintam e aceitem o meu amor por eles. Obra deles, para eles; sendo, como verdadeiramente é, um organismo-família, segue-se que os de Casa não-de ser os continuadores e os herdeiros forçados da Obra. Tudo, nas nossas Casas, é dirigido para esse fim. Como esta doutrina é nova, temos necessariamente de a lançar em novos moldes. O rapaz que já trabalha em lugares de rendimento, ganha. Não se lhe diz quanto nem como, mas ele sabe que tem o seu pequenino salário. Como ganha, veste-se à sua custa. Compra ele mesmo a seu gosto. Compra nas lojas. Vai à cidade. Fica sabendo assim como é e quanto custa a vida. Aprende a esmerar, a poupar o que é seu. Faz-se homem.

ESTE sistema de assistência exige fundos, que de maneira nenhuma podem ser os do clássico rendimento de inscrições ou orçamentos do Estado. Isso são coisas velhas.

Há tempos, entrava eu na secretaria de uma casa de assistência, na hora em que um funcionário contava rimas de notas, visivelmente aborrecido: «Isto é uma grande desgraça para a casa; vieram-nos entregar capital e ficamos agora sem juros». Desci às galerias. Era recreio. Grupos de crianças, em botões amarelos e fatos de cotim, arrastavam as horas, sem vida. Nem brinquedos, nem gargalhadas, nem nada. Não havia uma quinta. Não havia uma oficina. A escola não era risonha e franca. «Trouxeram-nos o capital...» Eis a função do capital dentro das casas de assistência que se encostam ao dinheiro: tira-se da vida a morte! Por algo o Filho do Homem amaldiçoa o dinheiro.

O capital que nós temos de possuir dentro dos nossos organismos tem uma verdadeira função social. É escriturado e atribuído a cada um dos nossos trabalhadores, que o podem levantar quando vier a sua hora. Não seremos jamais condicionados nem limitados pelo dinheiro. Os futuros dirigentes da Obra não-de sentir, como eu sinto agora, as cólicas mai-las aflições da Pobreza a bater à porta dos Homens bons. E uma vez dentro das portas, têm liberdade de expor, autoridade de pedir, certeza de obter. A verdade anda à toa e faz estremecer.

D. Américo

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

acompanham, neste momento, Pai Américo.

Malanje vai ter que lembrar Pai Américo junto ao «meu Cruzeiro» para comemorar o 16 de Julho e onde muitos conheceram a sua vida. Eu digo «meu Cruzeiro» porque também o ajudei a levantar. A Capela e o Cruzeiro não saem da minha imaginação, são tão bonitos.

Um 16 de Julho com a lembrança de Pai Américo. Seguiremos, pelo menos nesse dia, com silêncio, o amor de todos os Padres que foram chamados para o Pai e que se juntaram a Pai Américo. E não esqueçamos os outros Padres da Obra da Rua, que fazem das crianças que roubam e fogem, os homens de amanhã.

Manuel Fernandes

Memórias de Malanje

QUERERIA estar aqui com a disposição bondosa e a inspiração poética de Padre Telmo. Aguardo telefonema dele na sede de uma Empresa que nos presta serviços. Fica no topo de um largo que foi gracioso jardim. Em frente é a casa onde morámos, o casal Fernando e Emília e os mais pequenos do grupo fundador, enquanto os mais crescidos se abrigavam no Culamaxito, em velhas casas de adobe minimamente reparadas, e ali se entregavam à tarefa de desbravar terreno com a prioridade de descobrirmos a localização da futura Aldeia. Mas nos Domingos e festas todos nos juntávamos na pequena moradia na cidade — e era sempre festa!

Quarenta e um anos separam o meu olhar de hoje da visão que a memória guarda desse tempo. É natural que o olhar tenha embaciado. Mas mesmo assim, diminuído, quem dera tivesse razões para se encontrar, mais do que então, perante o brilho acrescido da visão de um progresso alcançado ao longo deste tempo! Mas não: olhar e visão seguiram semelhante trajetória decadente.

Todo o ser criado se desgasta e caminha para a extinção. Mas do seu agir deveriam permanecer dinamismos de bem que, assumidos por outros agentes, iriam realizando um progresso

incessante. É assim em campos de ciência e tecnologia onde a investigação persiste. Porque não em outras áreas do viver humano onde, infelizmente, o retrocesso acontece tão frequentemente? Meu Deus como os homens andam longe do essencial.

Penso que falta muito ouvir a chamada de Paulo VI: «Homens, sede homens!» Que falta afirmar em cada um a sua humanidade pela do Homem perfeito, «criado na Justiça e santidade verdadeiras» — Jesus Cristo. Aquele de quem o discípulo Pedro traçou o retrato que deveria ser o de todos os discípulos: «O que passou fazendo o bem». É deste passar assim em exclusivo, ao menos em tónica de bem-fazer, que não passa o dinamismo que o fará permanecer. Será certamente este — o aprender do Mestre e captar da Sua graça — será este o método de humanizar os homens que o Papa quis propor na sua exortação. E com o humanizar dos homens, humanizar o mundo, ainda tão selvagem, tão fora da rota que leva à meta da fraternidade para que Deus quer dirigi-lo.

O Evangelho é a Boa-Nova da Vida, vida que começa aqui, num espaço e num tempo, e se projecta na Eternidade. Evangelizar é uma acção abrangente que se não confina no domínio que os homens concebem do fenómeno

religioso. Na verdade, Ele realiza-nos à origem e fim do homem; mas, predominantemente, visa a orientação, o estabelecimento do homem no caminho que o levará a ser homem. É aqui e agora, em pleno mundo, em todas as circunstâncias das vidas, que o Evangelho é a resposta essencial por que o homem anseia para se encontrar consigo mesmo.

Faz cinco anos que estive em Malanje a última vez. Depois, cessou a guerra. Não esperava encontrar uma paz perfeita, que essa é fruto da Justiça e tem por «novo nome Progresso». É exactamente a falta deste, pequeninos que fossem os sinais por que se manifestasse, o que me causa abatimento. Sem nada que fazer — e há tanto que fazer! — que futuro espera este Povo predominantemente jovem? A escola é fundamental. Mas logo após, e concomitantemente, saídas profissionais que dêem rumo e horizonte a esta gente!

Anteontem, a caminho da cidade, alguém apontava a velha fábrica de cerâmica há três dezenas de anos desactivada e me dizia: — «Começaria ali a nossa reconstrução, que tijolos vindos de Luanda são inoportáveis». Mas o que ontem aconteceu foi a inauguração de uma empresa de telemóveis. Em vez de material que firme e estabilize, outro que, se calhar, vai provocar que muitos escorreguem nele...

Padre Carlos

PÃO DE VIDA

Próximo

QUANDO menos se espera, aproxima-se algum dos nossos rapazes, rodeado de companheiros, a verter sangue.

É na vida que mergulhamos, todos os dias, procurando oferecer-nos em sacrifício, inteiramente, por aqueles que foram despojados da família natural e despachados pela autoridade civil para internamento.

Depois das consultas regulares, na nossa Casa, os casos clínicos são encaminhados naturalmente para as especialidades. E, assim, se vão integrando no tecido social.

Nas emergências, os serviços de saúde abrem as portas e os corações, para acolher os membros doridos e resgatados do abandono; e, depois, olhados com carinho pelos curadores, que os tratam até de forma privilegiada.

As revoltas interiores constata-se visivelmente nas atitudes e palavras dos nossos garotos. As bulhas, as bolas e as pedaladas não fazem muitos estragos na epiderme. O recheio dos edifícios é que vai padecendo.

Ao Domingo, a Casa enche-se de visitantes e há mais tempo para a brincadeira. O Jackson não esperou pela sua vez para receber a merenda saborosa que estava a ser distribuída. Corrigido, reagiu, partindo um vidro. Verificou-se que a guerra em Angola, onde foi menino, ainda lançou estilhaços à distância.

A avareza de poucos donos vai conduzindo a situações de desgraça, ao pecado, pelo mundo.

As feridas da alma são mais difíceis de curar do que as incisões na carne.

Noutra situação, urgia levar o Julito ao Hospital Padre Américo, onde somos bem acolhidos, pelos profissionais de saúde. A sua cabeça tinha sido aberta por um mergulho errado, num dia de estiagem.

Tratou-se de uma oportunidade de experimentar o encontro do samaritano, que ruminávamos nesses dias. «E quem é o meu próximo?»

As curas de Jesus são sinais do iminente reinado de Deus. A pregação e o cuidado dos enfermos vão estreitamente unidos, nas comunidades neotestamentárias.

A clareza da parábola não nos deixou passar ao lado oposto. Ligámos a ferida e foi no nosso veículo, sem choro, porque temperado pelo abandono passado.

Orientámo-nos, como nas outras vezes, para a Cirurgia. E o rapaz estirou-se logo no lençol, para ser tratado com destreza. Enquanto uma menina lançava gemidos lancinantes, ao lado, ele não descaía uma lágrima e olhava, com perspicácia, para o cenário de enfermagem que o envolvia.

Vivemos perto uns dos outros e nem sempre estamos próximos. Naquele momento, observámos um rosto inocente, mas com as pupilas distantes. Aproximámo-nos mais dele, já que não é outro para além de nós, mas como nós, que ainda não conhecemos bem, mas por quem nos dispomos a viver, em serviço constante.

Numa relação de domínio enveredam os poderes que fazem e conhecem as leis e tentam solucionar os problemas sociais com palavras e propostas complicadas, excluindo a novidade mais cara no percurso da História — a Caridade.

Enquanto vamos ficando mais perto de todos, pela globalização, afastamo-nos uns dos outros.

A natalidade vai diminuindo, no nosso País. Nós somos uma família numerosa, em que os golpes são momentos de alerta e paragem para contemplarmos o próximo e ficarmos mais perto do Outro.

Padre Manuel Mendes

SETÚBAL

Trabalho para formar jovens

HÁ dois movimentos na vida dos nossos rapazes que, por si mesmos, incutem neles forte motivação. São as nossas Festas e a distribuição d'O GAIATO. Num caso e noutro, salvo raras excepções, eles estão sempre prontos a avançar.

Se para as Festas os rapazes precisam de autocontrolo e disciplina, para a distribuição d'O GAIATO pede-se um espírito generoso e responsável. São dois modos de falar de uma mesma realidade que é a nossa vida. Um traço comum marca a nossa presença, pela simplicidade.

Recebemos recentemente dois ecos a propósito das nossas Festas e da distribuição d'O GAIATO. Das primeiras, veio o testemunho de uma jovem adulta que vou apresentar em discurso directo.

«Assisti à vossa Festa... e emocioniei-me, ri, cantei e sorri como há algum tempo não fazia. Obrigado pela vossa força e pela vossa alegria que muito animaram esta vila. Eu adorei o vosso espectáculo... Por tudo isto resolvi escrever para vos felicitar.»

Muito para além do valor artístico com que os rapazes desenvolvem a sua presença em palco, está quem eles são e nós com eles. Os valores humanos que ali se sentem, enchem a alma dos que ainda são capazes de amar.

Para a distribuição d'O GAIATO, os rapazes levam fundamentalmente toda a graça que o caracteriza. Não usam subterfúgios ou técnicas de marketing para convencer os Amigos a levar O GAIATO.

Se muitas vezes não são bem acolhidos, ou mesmo tratados com indiferença, não é de admirar, pois estas são características que marcam a personalidade de muita gente nos nossos dias. Ao invés, encontram muitos Amigos, antigos e na ocasião que nos tratam familiarmente.

Esta sociedade de consumo em que vivemos, perdeu em grande parte a capacidade de se deixar maravilhar com a vida que brota da espontaneidade e da pureza. Maravilha-se antes com os produtos fabricados pelas suas mãos e que, passado algum tempo, vão encher os contentores do lixo, enquanto fazem falta ao mundo do outro lado do planeta.

Parece-me vir nesta linha o testemunho de um senhor que nos escreveu e deu sua dicas:

«A apresentação e venda do vosso produto, o que afinal é fruto de várias colaborações certamente, é feita sem um mínimo de ambição estando ali os miúdos à mercê da caridade, de quem, meia-hora antes, gastou 10 a 15 euros no Expresso, 7 Dias, Gente, Maria, etc.»

O nosso trabalho é todo dirigido para formar homens, não para vender produtos que, neste caso, nem preço tem. Com O GAIATO, oferecemos a nossa vida, um bem que os olhos cheios de bens não são capazes de acolher.

Padre Júlio

BENGUELA

Homem assaltado

É Domingo. É o dia do Senhor. Não estranhe começar, desta maneira, a redacção da nota que ponho em tuas mãos. Os dias da nossa vida são tanto mais ricos quanto mais vívidos para o próximo. Deixa-me falar assim. Experimenta e verás.

A Palavra deste Domingo prendeu-me e libertou a minha vida para voar mais longe. Foi o caso do homem assaltado por bandidos e deixado, meio morto, na berma da estrada. Não se sabe quem era: se branco ou preto; mestiço ou moreno; amigo ou inimigo; crente ou ateu; rico ou pobre. Era uma pessoa. Passaram dois homens do templo, olham de longe e vão-se embora. Vem, a seguir, o samaritano, não sei se crente ou incrédulo, e deixa-se invadir pelos sentimentos de Deus. Sentimentos de compaixão. Uma carga de gestos muito ricos de significado: aproximou-se... ligou-lhe as feridas... colocou-o sobre a sua própria montada... levou-o a uma estalagem... e cuidou dele... pagou tudo. Um irmão não faria mais e melhor.

São tantos os que precisam de nós! Caí-

dos ou a arrastar-se pela vida, à espera de quem lhes dê a mão! É urgente dar as mãos! O hospital continua a ser ponto de chegada de muitos passos, de mãos dadas para inspirar confiança. Passei o fim da tarde de ontem dentro do hospital de Benguela. O marido corre a uma casa de Irmãs a telefonar-me que precisava de ajuda para comprar sangue para a esposa que acabava de ser operada. Foi uma cesariana. O bebé nasceu. À hora em que escrevo, o pai vem dizer que está vivo. Graças a Deus! Algumas horas antes, passei por uma mulher com o filho ao colo. Peguei nele e vi com os meus olhos que estava doente, com uma desidratação e anemia graves. O sol estava a esconder-se. A vida deste menino estava a esconder-se também. Corremos juntos ao hospital. A carrinha que nos destes é a ambulância das urgências. Verdadeiro salva vidas. Já não regressaram a casa. Mãe e filho ficaram internados. À hora em que escrevo, o marido vem dizer-me que o filho está bem e traz uma receita grande com remédios para

a mãe. Pagámos tudo, porque não têm nada. O dinheiro que pões em nossas mãos é vida que nos dás para que outros tenham vida.

A mãe-terra, em nossa Casa, andava triste e descuidada. Há mais de três meses que o tractor avariou e não havia remédio, em Angola, para o curar. Outra mãe, de carne e osso como todas as mães, passou por nossa Casa, levou consigo uma inquietação grande, bateu às portas altas e baixas, entrou, recebeu e pôs à nossa disposição o necessário para comprarmos um tractor novo. A confiança ocupou, de novo, o seu lugar. Já semeámos o milho e preparámos a terra para as outras culturas. Daqui tiramos, também, uma gotinha de água que vai matar a sede de muita gente. O segredo está no abrir as mãos, que o mesmo é dizer abrir o coração. Daqui nasce a alegria das crianças e dos adultos.

A propósito da alegria das crianças, ontem, sábado, os mais pequeninos que dormem na casa-mãe tiveram o seu passeio, como prémio da casa mais limpa, arrumada e adornada da nossa Aldeia. Foram ao Dombé Grande, uma povoação a cerca de 50 quilómetros. Houve um contratempo que não chegou a pôr sombras pesadas no dia destinado a ser todo feliz. Não puderam ver a reserva natural com uma fauna curiosa. Ficará para outra vez. Contudo, andaram contentes. Isto nos basta.

Padre Manuel António